

“A PALAVRA DA RUA”: O CONCEITO DE LITERATURA NA POESIA DE SÉRGIO VAZ NO CONTEXTO DE LITERATURA PERIFÉRICA

Luciana Sacramento Moreno Gonçalves (UEBA)¹

RESUMO: Este artigo se propõe a tecer uma análise sobre a concepção de literatura que permeia os poemas e textos em prosa poética, presentes nos livros *Colecionador de pedras* e *Literatura, pão e poesia*, de Sérgio Vaz. Este se inclui na cena contemporânea, no movimento literário, designado de Literatura Periférica. Pensar tal produção literariamente, constitui-se em empreendimento indispensável e visa promover a leitura de tais obras, como também estimular a ampliação dos espaços literários em que tais textos são produzidos. Por isso, trilhou-se o percurso metodológico da pesquisa bibliográfica. O referencial teórico que lastrea esta discussão, no que se refere aos estudos da literatura brasileira contemporânea, referenda-se em Lajolo (2001), Resende (2008) e Dalcastgné (2012). Para que se reflita sobre a Literatura produzida nas periferias brasileiras, as referências são Nascimento (2009) e Reyes (2013). Por fim, para uma reflexão sobre as especificidades do texto literário, nos alicerçamos em Barthes (1978) e Cândido (2000).

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Periferia; Contemporâneo; Sérgio Vaz.

ABSTRACT: This work proposes an analysis about the conception of Literature that involves the poems and texts in poetic prose, in the books *Colecionador de pedras* and *Literatura, pão e poesia* by the writer Sérgio, which is included on the contemporaneous scenario of the literary movement, designed as Peripheral Literature. Thinking this production literarily, is something indispensable and it intends to promote the reading of such works, as well as, fostering the increasing of the literary space in which these works are produced. Due to it, we headed for the methodological path of the bibliographical research. The theoretical background that covers this discussion and concerns the studies about the contemporaneous Brazilian literature are seen in Lajolo (2001), Resende (2008) and Dalcastgné (2012). To think about the Literature produced in the Brazilian peripheries, the references are Nascimento (2009) and Reyes (2013). And at last, for a reflection about the specificities of the literary text, we bring Barthes(1978) and Cândido (2000).

KEY WORDS: Literature; Periphery; Contemporary; Sérgio Vaz.

1 NA TORRE DE BABEL: REFLEXÕES SOBRE LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Marisa Lajolo (2001) caracteriza como marca da produção literária contemporânea o autocentrimento quando detecta em um texto forte presença da metalinguagem e da autorreferência. Nessa característica, o autor tende a abordar seu fazer poético, a Literatura, e

¹ Possui graduação em Letras Vernáculas pela Universidade Católica do Salvador (1999), especialização em Letras pela Universidade Federal da Bahia, mestrado em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia (2003) e doutorado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2014). É Professora Adjunta da Universidade do Estado da Bahia. E-mail: lusamog@gmail.com

a apontar como concebe termos específicos de sua escrita. Confirma-se na lírica do poeta mineiro, radicado em São Paulo, Sérgio Vaz, de forma tão significativa, este item supramencionado, tanto que parte disso a motivação para a redação do presente artigo. A intertextualidade é outro fator de distinção importante neste período de produção poética, pois “(...) hoje essa tendência se intensificou muito: uma obra se refere a outra, numa rede quase infinita de menções múltiplas e recíprocas” (LAJOLO, 2001, p. 118).

Já Beatriz Resende (2008), professora universitária brasileira e pesquisadora de Literatura, aponta a produção literária contemporânea como fértil, apesar das discussões pessimistas quanto à formação do leitor literário. Indica que os escritores do presente são “uma espécie de *performer*” (RESENDE, 2008, p. 16) e “publicam como possível” (RESENDE, 2008, p. 17), não esperando legitimação nem dos espaços elitizados do saber nem do mercado editorial. E constata: “novas vozes surgem a partir de espaços até recentemente afastados do universo literário” (RESENDE, 2008, p. 17). Além da fertilidade, considera os textos deste período como produções de qualidade, por enxergar neles:

(...) ao lado da experimentação inovadora, a escrita cuidadosa, o conhecimento das muitas possibilidades de nossa sintaxe e uma erudição inesperada, mesmo nos autores muito jovens deste início de século. Imaginação, originalidade na escritura e um surpreendente repertório de referências da tradição literária (sobretudo o modernista) mostram que (...) com as costas doendo menos e a correção imediata feita pelos programas de computador, nossos escritores parecem estar escrevendo tão rápido quanto bem. (RESENDE, 2008, p. 17).

Por último, inclui como característica da produção literária contemporânea no Brasil, a multiplicidade que revela uma coexistência plural, sem exclusões (RESENDE, 2008, p. 18). Ou melhor, uma Torre de Babel, em que o convívio da diversidade não vira tragédia, mas constrói novas possibilidades de ser, estar e intervir no mundo. Deflagra, desta maneira, a presença de espaços de produção distintos, como também de autores, linguagens, suportes etc.

Todavia, para Regina Dalcastagné (2012), escritora brasileira, pesquisadora e crítica literária, este não é um cenário tranquilo, pois, ao contrário do que parece, “o campo literário brasileiro ainda é extremamente homogêneo” (DALCASTAGNÉ, 2012, p. 7). Assim, apesar da consciência da ampliação de territórios, a presença de novas vozes tem causado desconforto no espaço turbulento e disputado da crítica literária. É válido citar o que declara Vaz: “(...) alguns sábios não estão gostando nada de ver a palavra bonita beijando gente feia” (VAZ, 2012, p. 47)².

² O autor apresenta tal provocação, para depois relativizar, ironicamente, as noções de sábios e feios.

Ao empreender vasto mapeamento do romance brasileiro contemporâneo, publicado no período de 1990 a 2004, tanto em relação aos personagens, quanto aos seus autores, numa abordagem predominantemente quantitativa, no que diz respeito à relação com o objeto, Dalcastgné expressa desconforto pela ausência de grupos minoritários na literatura brasileira contemporânea, como negros, pobres, mulheres e homossexuais. Para além disso, denuncia de maneira contundente os “três problemas principais de nossa literatura (...): falta de crítica, falta de autocrítica e falta de ambição” (DALCASTAGNÉ, 2012, p. 194), destacando a passividade quanto a ausência de múltiplas perspectivas e vozes na produção literária contemporânea.

Para Karl Erik Schollhammer (2011), teórico e crítico literário dinamarquês radicado no Brasil, alguns aspectos tendem a caracterizar, ainda que haja ciência da impossibilidade de esgotamento, esse múltiplo *corpus* a quem chamamos de Literatura brasileira contemporânea. Traços característicos como certa urgência em se relacionar a realidade histórica e a presentificação (que não repousa nem se concilia), por exemplo, são marcas já palpáveis dessa cena. Além disso, a presença das tecnologias de informação e comunicação como caminhos que oportunizam a visibilidade das escritas emergentes e seu consequente debate, como também a abertura do mercado impresso, através do barateamento dos custos de produção do livro, aparecem como itens diferenciadores da produção literária deste momento. Por fim, evidencia-se uma literatura que, ao tratar dos problemas sociais, não exclui a dimensão pessoal e íntima. Desse modo, destaca-se a fala do teórico de que:

(...) a ficção contemporânea não pode ser entendida de modo satisfatório na clave da volta ao engajamento realista com os problemas sociais, nem na clave do retorno da intimidade do autobiográfico, pois, nos melhores casos, os dois caminhos convivem e se entrelaçam de modo paradoxal e fértil. (SCHOLLHAMMER, 2011, p. 16).

Nesse emaranhando de discussões sobre a Literatura brasileira contemporânea, por volta da última década do séc. XX, uma tendência fértil à criação literária emerge no âmbito das Culturas da Periferia. É sabido, historicamente, que a literatura brasileira é marcada por autores que, ao tratarem de questões como a pobreza ou sobre as produções culturais das classes populares e/ou desfavorecidas economicamente, o fazem sem terem passado por qualquer situação que os inclua nesse universo. Deve-se esclarecer que, neste texto, não objetiva-se discutir o mérito de tais produções dessa natureza. Todavia, questiona-se o silenciamento de vozes da periferia, emitidas por sujeitos oriundos destes territórios, que os conhecem por meio da vivência cotidiana e da sua inserção nas práticas sociais e culturais ali experienciadas.

Por conta disso, estudar textos da Literatura brasileira contemporânea cujos autores tratam da Cultura da Periferia como cenário e/ou personagem, e também tenham forjado suas identidades culturais nesses espaços, conhecendo seus dramas, elaborando sua formação pessoal, cidadã, intelectual, leitora dentro destas localidades, é ação significativa e objetiva confirmar a relevância destas obras literárias. Urgem, portanto, serem empreendidas, especialmente se a intenção investigativa não se limitar ao valor sociológico desta produção, pesquisas nesse âmbito. Diante disso, a fim de reforçar tal ideia, é válido mencionar o pesquisador mexicano das ciências sociais Alejandro Reyes, que diz: “ponto de vista literário, ela [a Cultura da Periferia] oferece novos desafios no contexto da história da literatura brasileira: pelo conteúdo, pela forma, pela linguagem e, sobretudo, pelo lugar de enunciação” (REYES, 2013, p. 15, colchetes meus).

A intenção deste trabalho é tecer interpretação e contextualização dos poemas e da prosa poética, presente nos livros *Colecionador de Pedras e Literatura, Pão e Poesia*, do escritor Sérgio Vaz para analisar qual a concepção de Literatura, e conseqüentemente, escritor e leitor emergem destas duas obras. Por isso, seguindo a provocação de Dalcastagné sobre procedimentos legítimos para abordar teórica e metodologicamente a Literatura Periférica, a opção tomada é a de “desconsiderar o julgamento de valor estético sobre a obra e analisá-la a partir de sua especificidade, sem hierarquizá-la dentro de códigos ou convenções dominantes” (DALCASTAGNÉ, 2012, p. 10).

Assim, faz-se necessário compreender o termo periferia para, a partir disso, situar a literatura que será objeto de reflexão neste artigo. Entende-se periferia como comunidades geográficas, geralmente situadas ao redor do centro, mas não obrigatoriamente, que são historicamente silenciadas, invisibilizadas e marginalizadas pelas elites e, por consequência disso, a tais espaços é legada uma organização deficitária. Corroborar-se com a definição de Reyes por sua compreensão de periferia como o espaço:

(...) onde se concentra a classe trabalhadora que faz funcionarem as cidades; os excluídos, os marginalizados, as pernas e os braços ignorados de um dos países mais desiguais do mundo. Periferia dos periféricos, margem dos marginais, esquecimento dos esquecidos; os de “baixo”, os habitantes dos porões, os que não cabem nos projetos do progresso e do capital. (...) se estendem em espaços a perder de vista em volta das cidades, caótico emaranhado de casas barracos malocas com ruas becos vielas malcheirosos que abrigam os sonhos e a correria das crianças (...). Lá a violência é coisa de todos os dias (...). Mas é também espaço de camaradagem solidária (...). E espaço também de luta, resistência, consciência, rebeldia, organização, esperança (REYES, 2013, p. 14).

Destas localidades provém uma literatura que brota em chãos marginalizados, e continua a vicejar, evidenciando uma mudança em relação ao acesso ao texto literário e a formação do gosto/ hábito de leitura. Se outrora pairava a compreensão que a leitura literária constituía-se em prática pertencente exclusivamente a grupos cuja formação leitora encontrasse consolidada e em que o acesso ao livro é mais amplo, pelo poder de compra ou pela facilidade de inserção em lugares como bibliotecas, Universidades e livrarias, atualmente, autores e leitores periféricos constroem soluções criativas de aproximação deles mesmos à leitura literária, dessacralizando tal ação e a incluindo vastamente em seus cotidianos. Para a ensaísta brasileira Heloísa Buarque de Hollanda:

Na virada do século XX para o XXI, a nova cultura da periferia se impõe como um dos movimentos culturais de ponta no país, com feição própria, uma indisfarçável dicção proativa e, claro, projeto de transformação social. Esses são apenas alguns dos traços de inovação nas práticas que atualmente se desdobram no panorama da cultura popular brasileira, uma das vertentes mais fortes de nossa tradição cultural. (HOLLANDA, 2009, p. 4).

Neste contexto, práticas de leitura e escrita passam a ser disseminadas como importante instrumento de construção identitária, inserção social, ampliando as funções da linguagem artística e da produção literária em espaços antes considerados desautorizados. Dessa maneira, compreendemos o fomento de estudo e pesquisa dessas produções como relevante esforço de compreender esta Literatura como importante veículo de discussão da cultura brasileira, estimulando a ampliação do espaço para produção literária nas periferias.

Érica Peçanha do Nascimento (2009), pesquisadora brasileira da temática das periferias, traça vasto panorama de caracterizações da Literatura Periférica. Primeiro descreve o perfil dos escritores, pontuando-os como “representantes das classes populares e moradores de bairros das periferias urbanas brasileiras” (NASCIMENTO, 2009, p. 47). Em seguida, sinaliza alguns dos grupos que reúnem os escritores marginais a quem ela se refere como “novos” para diferenciar da geração de 70. Sobre as produções poéticas dos escritores desta leva, a pesquisadora indica a presença de “linguagem coloquial; apelo visual com desenhos (...); recorrência de gírias do *hip hop* e das periferias; uso do palavrão; (...) com construções escritas que destoam da norma culta” (NASCIMENTO, 2009, p.47). Cita ainda, como temas recorrentes, questões presentes no cotidiano das populações periféricas, entre elas, “violência, carência de bens e equipamentos culturais, precariedade da infraestrutura urbana, relações de trabalho – predominantemente associados ao espaço social da periferia” (NASCIMENTO, 2009, p. 47-48). Além disso, declara o poema e o conto como gêneros textuais privilegiados

pelos autores da escrita periférica. Dentre outros aspectos, por fim, a pesquisadora afirma que não há filiações explícitas a alguma tradição ou cânone literário, apesar da recorrente evocação de autores com “semelhante perfil sociológico (...) ou que privilegiaram em seus textos temas afins” (NASCIMENTO, 2009, p. 48).

Reyes (2013) problematiza a literatura periférica, como insólita, certamente por ser gestada e desenvolvida em espaços tradicionalmente considerados inusitados, quando se fala em escrita literária. Para além disso, afirma a Literatura criada neste espaço como combativa, rebelde e criativa (REYES, 2013, p.14). Assim, define-a como: “(...) uma literatura de autorrepresentação, com uma dimensão política e social importante – a enunciação de realidades invisibilizadas, feita por setores sociais que historicamente têm tido um acesso mínimo à palavra escrita”.

Por fim, mas ainda na tentativa de compreensão este fenômeno literário, consideramos a concepção de Vaz pontual e definitiva, porque ao indicar que a literatura grega é a feita pelos gregos, nos sinaliza com clareza e simplicidade que a Literatura Periférica é a feita por pessoas que moram na periferia e é produzida por homens e mulheres cujas visões de mundo são construídas neste universo. Conclui-se, com picardia, para aquele que questiona indignado se quem nasceu em bairro nobre não pode escrever Literatura Periférica, responde o poeta: “Pode (...). Só que não vai ficar bom”³.

2 O POEMA DE TERNO E GRAVATA DESFILA AGORA SEM CAMISA: CONCEPÇÕES DE LITERATURA NA ESCRITURA DE SÉRGIO VAZ

Definir Literatura tem sido empreendimento recorrente para os estudiosos do tema, todavia, parece que a única concepção alcançada é de uma noção sempre plural, vinculada aos anseios de um determinado tempo e lugar, sobretudo, porque “Um texto pode vir a ser ou deixar de ser literatura ao longo do tempo” (LAJOLO, 2001, p. 13).

Para assegurar a existência deste objeto social é indispensável, pelo menos a presença de quem escreve e de outro que leia este escrito, além de meios para promover o acesso do leitor a obra literária. Todavia, a arte literária exige, para ser legitimada como tal, que “canais competentes” proclamem “um texto ou um livro como literatura” (LAJOLO, 2001, p. 18).

³ Disponível em: <https://www.facebook.com/poetasergio.vaz2/posts/461452470600842>, acesso em junho de 2015.

Tecendo outras provocações, Roland Barthes, teórico literário francês, concebe a Literatura não somente como “um corpo ou uma sequência de obra, nem mesmo um setor de comércio ou de ensino, mas (...) a prática de escrever” (BARTHES, 1978, p. 16-17). Nesta perspectiva, acaba por dissociar a noção de literatura apenas do livro ou do objeto legitimado por instituições como as academias, escolas, universidades, ampliando tal acepção para o fazer literário como toda criação ficcional humana.

Nos textos dos livros *Colecionador de Pedras e Literatura, pão e poesia*, Sérgio Vaz lembra aos seus leitores de forma incisiva que Literatura é arte, talvez para dissociá-la de uma disciplina meramente escolar ou de algo que só passeia nos espaços onde o saber encontra-se sacralizado. Assim, na poética deste autor, é possível tomar o poema “Aula de Português”, de seu conterrâneo Drummond como modelo e recriar o verso final: “A literatura são duas, a outra mistério”. Para Sérgio Vaz, há duas concepções de literatura: uma sisuda, inatingível, feita para deleite somente dos letrados, “bem nascidos”, intelectuais, acadêmicos; já a outra abre tanto os braços para atingir a diversidade que nem é chamada de literatura. Esta se confunde com a própria vida (VAZ, 2011, p. 165).

A primeira ideia de literatura está encastelada nos espaços privilegiados de poder e acesso aos bens culturais e artísticos. A outra se faz na rua e se configura não no livro apenas, mas na vida cotidiana das pessoas. Esta é para o autor, a Literatura Periférica, uma literatura implicada com o seu tempo e as demandas políticas, sociais, culturais e artísticas das populações excluídas socialmente no Brasil.

O poeta situa este último conceito de Literatura, a partir da questão da identificação entre leitor, texto e contexto histórico. Para compreendê-la nem sempre se fazem necessários os conhecimentos escolares, linguísticos ou enciclopédicos. Ela pode até se reportar a tais saberes, no entanto, sempre parte de uma relação que não é da ordem da compreensão estrutural, científica, detalhista de cada fragmento do texto, mas é da relação de reconhecimento entre o leitor e a visão do mundo expressa pelo autor, ou melhor, da possibilidade do leitor enxergar-se no texto literário.

A forma aguerrida em que o poeta defende a Literatura Periférica opõe-se a visão de que para se aproximar do texto literário é preciso municiar o leitor de recursos e aprendizagens próprias da língua ou da teoria literária. Porque nos textos de Sérgio Vaz exorta-se uma aproximação pelo viés do diálogo entre texto e autor, ou seja, se o texto trata de aspectos próprios da realidade do leitor, utilizando uma linguagem próxima deste universo, os leitores compreenderão a máxima “literatura é vida” e não temerão manuseá-la, porque, ao

deixar de ser objeto sagrado, os leitores não a estarão profanando, mas apenas usufruindo de um direito humano e reivindicando de um legado histórico que a eles pertence.

Nos versos de Vaz, a literatura Periférica, diferente da literatura eleita como canônica evoca toda sorte de emoções humanas. Tudo cabe em tais textos literários, pois eles abarcam a diversidade, enunciando tanto o local e o próximo, quanto o Universal e o distante. Esta literatura usa termos e linguagens do cotidiano de homens e mulheres periféricas. Nela, o pobre, excluído, marginalizado nunca se vitimiza nem acredita nos discursos que os inferiorizam. Ainda que venha alguém dizer “que ‘não pode’” (VAZ, 2011, p. 165), insistem e combatem a proibição pela via da desobediência, pois escrevem “sobre essas coisas, dos dias que doem e dos dias que não doem” (VAZ, 2011, p. 165). Nesta queda de braço, a poesia periférica, não se submete, nem é subserviente a literatura, legitimada como canônica. Pelo contrário, a escrita periférica não se curva; ela é altiva, orgulhosa de si, do seu lugar das suas escolhas.

Num poema de apenas três versos, o escritor declara “Não faço poesia, / jogo futebol de várzea/ no papel” (VAZ, 2013, p. 123). Nele, o poeta realiza a máxima associação da sua literatura a periferia, ao metaforizá-la com uma das práticas culturais que mais caracterizam tais espaços urbanos brasileiras: o futebol de várzea. Este condensa em si o amadorismo (que tanto pode ter a acepção de uma prática não profissionalizada, quanto da posição de apreciador, amante de algo) com uma organização própria, diferente da sistematizada por confederações ou clubes e, talvez, por isso, mais livre, espontânea, criativa. Relaciona tais aspectos a informalidade de sua literatura, a não-vinculação a um paradigma ou tradição literária e também indica que sua produção tanto do lado de quem atua (o escritor) quanto do espaço de onde emerge (a periferia) não conta com estrutura pré-estabelecida, nem apoios dos espaços de legitimação do saber.

Tal verso evoca o futebol, considerado patrimônio representativo do Brasil e conhecido internacionalmente pelos seus êxitos. Neste, os grandes jogadores profissionais são em maioria homens, jovens, negros, oriundos das periferias que iniciam suas carreiras e relação de afeto pelo futebol nas várzeas dos bairros populares deste país.

O futebol e a poesia, considerados na literatura de Vaz, como paixões e, neste caso, sinônimos, aproximam-se pelo caráter surpreendente que trazem em si. Configuram-se como epifanias porque revelam de maneira inesperada, quase divina, sentidos implícitos. Na superfície, trazem uma aparente mesmice, todavia “os personagens parecem que sempre são os mesmos, mas não são, e ninguém, quase nunca, sabe o final” (VAZ, 2011, p. 88).

A poética de Vaz adverte aos leitores que esta literatura, a que não é periférica, dorme em “lençóis de seda” (VAZ, 2013, p. 153) e é responsável por uma visão de afastamento e receio dos leitores a ela mesma, sobretudo quando ignora os fatos sociais, não se envolvendo na problemática de seu tempo. Pior do que tudo isso, opta por se aproximar somente daqueles que detém o poder político e econômico e se instala nas estruturas específicas desses grupos sociais. Esta, em vez de criar possibilidades de acesso a produção literária, sacraliza os textos e seus autores, os tornando inacessíveis para a maior parte dos leitores, sobretudo, para aqueles que não circulam nos espaços socialmente privilegiados. Esta literatura ergue-se nas academias, nas bibliotecas, nas livrarias, nas universidades. Lugares que no contexto brasileiro, historicamente têm fornecido livre acesso apenas para as elites e excluído as populações periféricas. Como Vaz declara no texto “Literatura das Ruas”:

A literatura é uma dama triste que atravessa a rua sem olhar para os pedintes, famintos por conhecimento, que se amontoam nas calçadas frias da senzala moderna chamada periferia. Frequenta os casarões, bibliotecas inacessíveis ao olho nu e prateleiras de livrarias que crianças não alcançam com os pés descalços. (VAZ, 2011, p. 35).

Para Antonio Candido, crítico e teórico literário brasileiro, Literatura é “todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura” (2004, p. 179). Por isso, pensar nessa manifestação artística é aceitar que ela não é produzida apenas em espaços eleitos como letrados, mas está presente nas sociedades humanas, de tempos e lugares diversos. Tal posicionamento confirma a consolidação da literatura periférica. Todavia, para legitimá-la é preciso que o sistema literário, sustentado pelo tripé autor, obra e público sejam visibilizados. Certamente, por esta razão a autorreferência é constante na poética de Vaz, pois confirmar a noção de literatura que alicerça este movimento é também validar suas estratégias de escrita, autorizar-se como escritor e fidelizar leitores que se identifiquem com a tônica desta literatura.

Desta forma, Vaz dialoga com a poesia engajada, ao defender a escritura como uma prática implicada com as coletividades, como um instrumento de intervenção no mundo e de luta a favor de uma sociedade mais justa e igualitária. A literatura periférica, portanto, não silencia nem compactua com os problemas que envolvem a realidade. Ela é ferramenta de luta que “desperta” os adormecidos (VAZ, 2011, p. 45) e os mobiliza a enxergar com profundidade o contexto social que os circunda e suas mazelas, podendo provocá-los a agir de uma forma transformadora, em prol da ruptura de paradigmas e da criação de outras ordens de pensamento e ação.

Em seu Manifesto da Antropofagia Periférica, intertexto com o Manifesto Antropofágico, de Oswald de Andrade, Sérgio Vaz, de maneira enérgica, declara sua poética como contrária a arte que serve ao capitalismo e aos ideais de consumo forjados nesse sistema, sobretudo aqueles que criam modelos hegemônicos e excludentes de acesso aos bens materiais e imateriais e tornam os que não possuem os objetos de compra como prisioneiros deles, pela via do desejo. Além disso, declara-se contrário a uma arte que não nasce da criação livre, mas segue parâmetros pré-fabricados e, por isso, reducionistas, destruindo a possibilidade de o leitor sentir-se provocado, confrontado, mobilizado pela produção artística. Estas fazem algo que para o poeta contraria a própria natureza da arte, pois conformam “o senso crítico, a emoção e a sensibilidade que nascem da múltipla escolha” (VAZ, 2011, p. 50).

No seu manifesto, o poeta repete o verso “A arte que liberta não pode vir da mão que escraviza” (VAZ, 2011, p. 50) como se quisesse convencer seus leitores a se questionarem sobre quem está por detrás do texto literário, qual autor, sua ideologia, contexto de produção de sua obra, interesses mercadológicos enviesados na sua publicação e divulgação. Estimula tal provocação, não para silenciar tais textos, mas para compreendê-los como parte de um todo mais amplo que se constitui em teia, a partir das múltiplas ligações entre autor, obra e leitor.

Neste espaço do confronto direto, também cabe a esperança (termo que pouco aparece nos textos, mas é presente no conteúdo), porque a partir do fenômeno da Literatura Periférica em que os autores começam a escrever sobre as “quebradas”, a se aproximar dos leitores das periferias brasileiras, ressignificando suas concepções de leitura e literatura, já começam a aparecer boas novas, pois o acesso aos livros é ampliado, os leitores começam a compreender como direito a aproximação com o texto poético. Então, acontece a revolução, no sentido das transformações radicais das práticas de leitura literária e da alteração da concepção do leitor enquanto agente social. A este fenômeno, o poeta opta por chamar de o “Milagre da poesia”.

Pelo fazer poético e pela criação de espaços de divulgação da leitura e da literatura, o poeta inclui na sua lírica a constatação de que a inserção de tais práticas no cotidiano das populações periféricas propiciou, tanto para escritores quanto para leitores que vivenciam este espaço social e político, além da aproximação com a Literatura, antes vista como sagrada e inacessível, uma ressignificação da visão destes em torno dela. A literatura que era “tratada como uma dama pelos intelectuais hoje vive se esfregando pelos cantos dos subúrbios à procura de novas emoções” (VAZ, 2011, p. 45).

Neste contexto, se “(...) é no interior da língua que a língua deve ser combatida, desviada (...)” (BARTHES, 1978, p. 17), Vaz, poeta que se autodenomina vira-lata da literatura, utiliza em sua poesia os mesmos termos que servem para excluir homens e mulheres periféricos do acesso aos bens culturais e aos poderes político, intelectual e econômico. Todavia, não confirma o uso vigente, visto que ele os subverte, brincando com os sentidos dos mesmos, não para aniquilá-los ou bani-los, mas, sobretudo, para ampliar seus significados e retirar deles a inferiorização, tratada como inerente. Visto de outro modo, faz o jogo barthesiano de combater pelo desvio do sentido. Desse modo, o que nomeia as estéticas tradicionais da arte literária, excluindo outras práticas que não correspondam ao modelo eleito como canônico, vira matéria prima para construção de outras lógicas e saberes na literatura periférica escrita por Vaz.

Em fragmento do texto que dá título ao livro *Literatura, pão e poesia*, o escritor inicialmente aparenta confirmar a ideia da periferia como espaço de violência generalizada, mas frustra positivamente seus leitores ao trazer outra perspectiva, esta menos comum, sobre o espaço periférico. Tal insubordinação confirma a diminuição da tensão entre leitores e a leitura literária quando declara:

A periferia nunca esteve tão violenta: pelas manhãs, é comum ver, nos ônibus, homens e mulheres segurando armas de até quatrocentas páginas. Jovens traficando contos, adultos, romances. Os mais desesperados, cheirando crônicas sem parar. Outro dia um cara enrolou um soneto bem na frente da minha filha. Dei-lhe um acróstico bem forte na cara. Ficou com a rima quebrada por uma semana. (VAZ, 2011, p. 47).

Todavia, como esta mudança situa-se num espaço de poder excluído e silenciado historicamente, a cena da literatura periférica gera conflitos e insatisfações para aqueles que, sempre privilegiados, ainda não aprenderam a dividir as possibilidades de aproximação aos bens culturais.

Outro aspecto recorrente na poética de Sérgio Vaz é a ideia de que o texto literário, apesar de atrelado ao seu tempo também pode ser atemporal, pois é atualizado pelo leitor, quando ao acessar um texto já conhecido, renova-o no ato da leitura, descobrindo outros sentidos ou quando se aproxima de um texto de outro momento histórico e dá sentido a ele a partir de seu tempo presente. Por isso, o poema “tem o peso da eternidade” (VAZ, 2011, p. 29).

Nesse contexto, a poesia esconde (e revela) uma perspectiva que abarca em si o equilíbrio entre acomodação e enfrentamento, historicidade e individualidade, delineando-se

ora a partir da ética, ora a partir da estética. Nela convivem o açúcar e a pólvora (VAZ, 2013, p. 42); o silêncio e a voz (VAZ, 2013, p. 56). No entanto, quando se faz necessário escolher entre os dois pólos, a opção é pela denúncia e o enfrentamento, pois a poesia que “(...) é bipolar: ora com um sorriso no rosto, ora com uma pedra na mão”. (VAZ, 2011, p. 133), confirma-se como aquela que, sobretudo, “cospe bala” (VAZ, 2013, p. 56).

Em outra via, no texto, o eu-lírico inquieta-se com o poeta que não se envolve com as problemáticas do seu entorno e não usa seu fazer poético para intervir no mundo. Afirma estes como cúmplices de todas as mazelas sociais que acometem o presente, sobretudo porque gastam sua poesia na ocultação indiferente da realidade que nos circunda. Rejeita, portanto, o literato que opta por uma “(...) renuncia ao poema pobre/ pra dormir/com a rima rica/ que cobra uma fortuna/ pra gozar” (VAZ, 2013, p. 154). Denuncia o poeta que “dorme na seda” e indica seu próprio lugar de fala, sem associá-lo a precariedade e ao esdrúxulo. Pelo contrário, vê nele singular metáfora de beleza: a “rosa molhada” (VAZ, 2013, p. 153).

O poeta periférico não cultua o belo nem a perfeição da forma. Também não busca em seu fazer poético o sucesso individual, o reconhecimento como célebre. Ele é um desterrado, um fora do lugar. Este sim, o verdadeiro marginal, “o gauche na vida”⁴, o solitário que se esgueira na escuridão e “trafega pela madrugada/ tecendo sombras miúdas/ para o abrigo da solidão” (VAZ, 2013, p. 152). Ser poeta é enxergar, neste contexto o que os demais não vêem. Mais do que isso, é se sentir provocado a visibilizar aqueles que são silenciados. E, obviamente, ser capaz de ver é um fardo que o impulsiona, praticamente de maneira obrigatória, a agir. Esta visão o aproxima da epígrafe do *Ensaio sobre a cegueira* de Saramago: “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara” (SARAMAGO, 1996).

A escritura é, portanto, ato solitário, incompreendido. O poeta escreve, mas sabe que não mobilizará necessariamente todos que o lêem. Escreve por uma necessidade interior. Seus leitores são aqueles que não necessariamente o ouvem, ele toca sua “canção para os surdos” e para aqueles que a revelia de seu próprio desejo se intrometem em sua poética. A escrita é catártica. Ela ressignifica de maneira imperativa a existência e, através dela, no ato de dizer o mundo pela palavra literária, o poeta liberta a si e aos seus leitores, pois afirma: “Solto meu poema/ para os olhos curtos,/ de longa duração,/ e mudo se faz o problema” (VAZ, 2013, p. 148).

Na poética de Vaz, os humanos são a própria poesia que não coaduna com a perfeição estética, porque se ergue no cotidiano, através dele e o usando como matéria prima.

⁴ Fragmento do “Poema de sete faces”, de Carlos Drummond de Andrade, presente no livro “Alguma poesia”, de 1930.

A literatura assim está presa a realidade, todavia, não a realidade “fotográfica”, mas ao real, impregnado pela visão de mundo do poeta. “É nesse sentido que se pode dizer que a literatura, quaisquer que sejam as escolas em nome das quais ela se declara, é absolutamente, categoricamente realista, ela é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real” (BARTHES, 1978, p.18).

Vale ressaltar que poesia é produção humana que usa “do tempo presente, dos homens presentes”⁵ como substância. A poética para Vaz é da ordem do ordinário, do comezinho. Não se faz a partir dos grandes fatos ou feitos heroicos. Ela se presentifica em todos os fragmentos que compõem a realidade. Basta que a visão de mundo do poeta a capte e este seja arrebatado “pela forma diferente de olhar as coisas” (VAZ, 2011, p. 161). Ressalte-se que como a poesia depende deste olhar do poeta e este muda de acordo com o contexto social e cultural do autor e suas subjetividades, ela é sempre provisória. Como nos evoca José Paulo Paes, em seu Convite:

As palavras (...)
quanto mais se brinca
com elas
mais novas ficam.
Como a água do rio
que é água sempre nova.
(PAES, 1995)

Nos versos de Vaz, a Literatura tem efeitos mais mobilizadores entre os humanos do que qualquer acontecimento, por sua capacidade de afastar o leitor de sua realidade e conduzi-lo a outras experiências de vida pela via da palavra. O texto literário, ao evidenciar o real, o faz de maneira singular, pois ao exigir do leitor entrega, silêncio, solidão, promove para ele uma apreciação mais reflexiva e vasta do que existe no mundo e do que ainda pode ser inventado.

Desta maneira, o efeito da poesia confirma que a leitura literária pode abrir mais possibilidades críticas da vivência prática de algo, porque a experiência poética mobiliza o leitor, provoca-o, o retira de seu lugar de existência costumeira, o faz imergir em outras possibilidades de existência humana. Assim, “um poema é o beijo que chega antes da boca”. (VAZ, 2011, p. 175). Isto pode significar, algumas vezes, (talvez este seja o maior perigo da literatura), ainda que sem o toque carnal dos lábios, a palavra literária é capaz de traduzir com mais encantamento e verdade experiências da vida, como a amorosa, por exemplo.

⁵ Fragmento do poema “Mãos dadas”, de Carlos Drummond de Andrade, da obra “Sentimento do mundo”.

Para Sérgio Vaz, o poema é personificado, ele tem o poder de chegar ao outro humano e mobilizá-lo. O poema é metonímia da própria linguagem. Ele é instrumento de intervenção e tanto pode seduzir quanto convencer ou incitar a agir no mundo. Por isso, para confirmar seu caráter de aproximação, de acessibilidade, o poema nunca é, especialmente no nível da escolha da linguagem, de difícil compreensão ou com palavras complicadas. Ele é sempre marca do cotidiano, personagem da vida ordinária que transita “bem moleque – traquina”. Pode até ser vulgar, no sentido de sua presença ser recorrente, mas ele nunca se fantasia em preciosismo. Por mais usual que seja, reveste-se da sinceridade singular “desses mimados/ que dormem no colo/ e choram quando sentem saudades” (VAZ, 2013, p. 76-77).

3 A LITERATURA COMO A “PALAVRA DA RUA”

Ao diferenciar a literatura presente na “prateleira de biblioteca” daquela que provém da “palavra da rua”, declara que a primeira é estática, inatingível; encontra-se ausente nos bairros periféricos. A segunda é móvel, flexível, em trânsito. Para acessá-la não é preciso informações, formações, conhecimentos específicos, mas apenas estar na vida. Também não é preciso “carteira profissional”, pois o escritor periférico, ainda que profissional da escrita, é sempre um amador, pois além de não ter necessariamente uma formação acadêmica, e fazer da rua e dos livros sua maior escola, é alguém que se relaciona com o texto literário pela via do afeto e não está preso a parâmetros pré-estabelecidos por uma escola literária, por exemplo, pois compreende o fazer poético, como ação criativa, apesar de elaborada, que nasce de forma singular, subjetiva. A poesia periférica, dentro dos poemas de Vaz é adjetivada como livre, sadia, perspicaz, sagaz, leve, combativa, reativa, forte.

Nos textos, Vaz relativiza a centralidade da literatura como arte sempre direcionada para o bem, para a erudição. Questiona uma visão hegemônica da literatura. Expõe como contradição a associação da literatura como prática sempre transformadora, que leva ao melhoramento humano. Pois afirma que quando ela provém dos opressores, será veículo de opressão também. A literatura que liberta está implicada, portanto, com ideais de liberdade, democracia, igualdade, porque “A palavra livre nos torna livres. Livre, entendeu?” (VAZ, 2011, p. 164).

A literatura, outrora compreendida como inatingível, nos lembra Vaz, atualmente, beija os pés dos leitores, aproxima-se deles, insinuando ser feita da mesma matéria que é feita a vida. Assim, a literatura que andava “de terno e gravata, proferindo palavras de alto calão para platéias desanimadas, hoje, anda sem camisa, feito moleque pelos terreiros, comendo

miudinho na mão da mulherada” (VAZ, 2011, p. 45). Isto confirma a declaração de Barthes que “(...) o saber que ela mobiliza nunca é inteiro nem derradeiro (...)” (1978, p. 19), por isso, a mesma literatura que serviu (e infelizmente ainda serve) para consagrar as exclusões linguísticas, sociais, culturais também pode mover outros saberes e instaurar diferentes possibilidades de compreensão do mundo.

É nesta vibração que os textos presentes nos livros “Colecionador de Pedras” e “Literatura, pão e poesia”, do escritor Sérgio Vaz, pela via do autocentramento, afirmam uma compreensão em torno da literatura que visa ampliar as noções dos leitores sobre a mesma, especialmente, esta que é escrita por homens e mulheres das “quebradas” brasileiras. A idéia é fazer do campo literário um terreno fértil para fazer brotar cada vez mais textos, autores e leitores criativos, inovadores, com uma linguagem plural e tratando de temas que vão do “beco ao belo”⁶.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura: a formação do leitor**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Editora Cultrix, 1978.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000 Publifolha, 2000. (Grandes Nomes do Pensamento Brasileiro).

CANDIDO, Antonio. O direito à Literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul / São Paulo: Duas Cidades, 2004.

DALCASTGNÉ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.

CHIAPINNI, Lígia. Do beco ao belo: dez teses sobre regionalismo. In: CRISTÓVÃO, Fernando; FERRAZ, Maria de Lourdes; CARVALHO, Alberto. **Nacionalismo e regionalismo nas literaturas lusófonas**. Lisboa: Cosmos, 1997

ESCARPIT, Robert. Lo Literio y Lo Social. In: ESCARPIT, Robert. **Hacia una sociologia del hecho literário**. Madrid: Edicusa, 1974.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Apresentação. In: REYES, Alejandro. **Vozes dos porões: a literatura periférica/ marginal do Brasil**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

⁶ Referência ao texto de CHIAPINNI, Lígia. Do beco ao belo: dez teses sobre regionalismo. In: CRISTÓVÃO, Fernando; FERRAZ, Maria de Lourdes; CARVALHO, Alberto. **Nacionalismo e regionalismo nas literaturas lusófonas**. Lisboa: Cosmos, 1997.

LAJOLO, Marisa. **Literatura: Leitores & leitura**. São Paulo: Moderna, 2001.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. **Vozes marginais na literatura**. Série: tramas urbanas, 12. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

PAES, José Paulo. Convite. In: AGUIAR, Vera; ASSUMPÇÃO, Simone, JACOB, Sissa. **Poesia fora da estante**. Porto Alegre: Projeto Poa, 1995.

RESENDE, Beatriz. **Contemporâneos: expressões da Literatura Brasileira do século XXI**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Biblioteca Nacional, 2008.

REYES, Alejandro. **Vozes dos porões: a literatura periférica/ marginal do Brasil**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

SCHOLLHAMMER, Karl Erich. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

VAZ, Sérgio. **Colecionador de Pedras**. São Paulo: Global, 2013.

VAZ, Sérgio. **Literatura, pão e poesia**. São Paulo: Global, 2011.

Recebido em: 28/08/2019

Aprovado em: 14/09/2020

Publicado em: 11/12/2020